

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS: O DEBATE CONTINUA

Emilia Maria Peixoto Farias*

Resumo

As línguas encontram nos empréstimos lingüísticos uma rica fonte de atualização lexical. Essa atualização deve-se principalmente aos avanços tecnológicos e à busca de novas formas de expressão pelo homem. Nesta perspectiva, os empréstimos serão aqui tratados como fonte enriquecedora dos sistemas lingüísticos não podendo, portanto, ser tomados como ameaças ou mesmo elementos nocivos às línguas receptoras. Este trabalho tem, conseqüentemente, como objetivo principal mostrar que o uso de empréstimos não constitui ameaça a unidade nacional, não impede a intercomunicação entre indivíduos como também não corrompe a língua nacional. Para darmos conta da tese aqui defendida, baseamos nossos argumentos em Farias (2001), Faraco (2001) e Carvalho (1989).

Palavras-chave: *lexicologia; empréstimos lingüísticos.*

Abstract

This work has as its main objective to show that any language can benefit from the process of receiving loan words as a real means of expanding its lexicon. To support our thesis we base our arguments on the following works: Farias (2001), Faraco (2001) e Carvalho (1989).

Key words: *lexicology; loan words.*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciamos este trabalho com a fábula moderna da linguista Adair Pimentel Palácio, citada em Carvalho (1989,

p. 6-9), para introduzirmos a noção do que vem a ser o tema aqui investigado. Conta o referido autor que a ...

“Língua Portuguesa convocou todas as palavras para uma Assembléia Geral. O motivo foi o veemente apelo que lhe fizeram alguns de seus súditos mais fiéis que se vangloriavam de conhecê-la por dentro e por fora.

Ela ia passando faceira em seu gingado natural, engordando uns quilinhos aqui, ao ingerir palavrinhas novas, e emagrecendo acolá como só acontece às línguas, que, sendo gulosas por natureza, alimentam-se de gregos e troianos. Mas os súditos fiéis interromperam sua marcha normal para reclamar a deformação que vinha sofrendo sua bela figura, causada, principalmente, por estrangeiros abomináveis. A “fremosa senhora”, que é muito vaidosa, concordou com a idéia.

O planejamento do conclave ficou a cargo dos seus Ministros: os Advérbios de Tempo, Modo e Lugar. Lugar determinou que a reunião realizar-se-ia na Mansão Verde-Amarelo, por ser a maior de suas casas, e assim poder acomodar todo mundo. Como Advérbio de Modo, que muito mente, disse que estava doente, a forma do conclave ficou meio indefinida.

Houve convocação compulsória para os formadores da estrutura gramatical como os Artigos, as Preposições, as Conjunções, as Flexões, os Verbos Auxiliares e outros, todos soldadinhos pequeninos, mas de eficiência que se constituem na guarda de sua Majestade.

As flexões, como se sabe, por serem sufixos, só têm um braço, o esquerdo. As Interjeições, coitadas, formam uma classe marginalizada. Ficou determinado que elas se encarregariam dos ohs e ahs durante a sessão.

As demais palavras foram convidadas, mas não estavam obrigadas a comparecer. Assim, os arcaísmos decidiram não ir, por serem muito velhos.

No momento fixado foram chegando convocados e convidados.

* Doutora em Letras, professora do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

Os prefixos gregos e latinos, todos manetas, chegaram vestidos a caráter. Os gregos com túnicas brancas e leves, um ombro descoberto, usavam sandálias com tiras cruzadas nas pernas. Os latinos, muito romanos, usavam braceletes nos braços que lhes restava, o direito, e à cabeça traziam coroas de louros. Eles tinham o ar da superioridade que só o poder consente.

Como são altivos esses prefixos – todos metidos a besta e muito unissex. Tele mantinha um ar distante. O A grego tudo negava, e o latino ora aproximava-se, ora afastava-se e, às vezes, também negava. Anti e Ante chegaram juntos, este último precedendo o primeiro, que, como o A grego, acima descrito, também é da oposição.

No momento certo, todos tomaram seus lugares. A tribuna de honra fora reservada para a nobreza. Latinos e gregos ocuparam-na.

As palavras de origem latina constituíam a maior parte do plenário. As eruditas sentaram-se logo na frente; depois, sentaram-se as populares. Em seguida sentaram-se as multinacionais: empréstimos franceses, muito perfumados por Dior; ingleses, usando sua melhor gabardina; italianos, quase todos muito musicais; e alemães, todos muito marciais. Os africanos de diversas regiões cheiravam à comida gostosa e coloriam o plenário com símbolos religiosos. Eu quase esquecia de dizer que, a um canto, estavam Açúcar, Alcatifa e outros árabes de turbante, alguns dos quais representantes da OPEP.

Lá em cima, na galeria, instalaram-se os neologismos, as siglas, as abreviações famosas. Nos corredores e escadas, sentadas pelo chão, estavam as gírias, bem *hippies*, mal comportadas como elas só – assobiando, conversando, comendo pipoca, mascando chicletes, fumando e botando cinza no chão.

Finalmente foi aberta a sessão. Como Língua Portuguesa não havia tido a devida assessoria de seu Ministro, Advérbio de Modo, não sabia bem como encaminhar os trabalhos. Um pouco titubeante, ela começou solicitando que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse. Foi um alvoroço. Levantou-se todo mundo. Só ficou sentada uma meia dúzia de palavras que, embora nuas, estavam revestidas de muita brasilidade. Eram as de origem indígena. Jacaré cutucou Jaguar e ambos riram da mancada da bela senhora.

Percebendo sua precipitação, Língua Portuguesa pigarreou, pediu ordem no plenário e reformulou suas palavras, convidando a retirarem-se as palavras que não fossem legitimamente vernáculas.

Novamente deu confusão pela profusão de elementos que se levantaram, uns conformados, outros protestando veementemente. Alguns até alegaram ‘pertencer à terceira ou quarta geração de aportuguesados e ter compatriotas com muito *status*, ocupando altos cargos governamentais e políticos e com poder econômico incontestável.

Língua Portuguesa pensou: “assim não dá”, e resolveu pedir que se apresentassem uma a uma as palavras

estrangeiras para contar sua história. Assim, ela teria condições de julgar.

A primeira a apresentar-se foi Xícara, que disse ser uma nauatl pura, mas não sabia bem se do México ou da América Central (palavras não conhecem fronteiras). Disse que vivia bem em seu rincão natal, quando um espanhol dela usou e abusou. O mesmo fizeram muitos de seus compatriotas que por ela se apaixonaram. Então, ela saiu de casa para viver com os espanhóis. Mas esses latinos volúveis logo se cansaram de sua beleza. Como estava longe de casa, ela entrou pela porta do Brasil, onde foi muito bem recebida, e assim foi ficando por aqui. Lembrou até que causou confusão na Academia Brasileira de Letras, quando discutiram sua grafia x ou ch. Então ela disse:

“Andei, virei, mexi e parei aqui.
Sou tão vernácula quanto você
- Sou um símbolo nacional
Quem me rejeitar
Xicrinha de café não vai mais tomar”

Língua Portuguesa ficou perplexa. Não se havia dado conta de tão grande verdade. Concedeu imediatamente vernaculania à palavra. A aclamação foi geral.

Quem sabe, talvez devêssemos tomar café em xícara com ch.

Aí ... Futebol, sempre com bola no pé, deu com o *foot* na *ball* e pediu a palavra. Levantou-se muito inglês, posudo, com o respaldo do Banco de Londres e da rainha, e com aquiescência da Seleção, reivindicando que já tinha grafia própria. Que mais lhe faltava? Disse que se fosse banido não mais se faria joga no Brasil.

A gleba de tricampeões explodiu.
Nesse momento, Ludopédio interveio:
“Vieste de longe, oh inglês
usurpar o meu lugar
tal qual fizeste às Malvinas
E eu, como é que vou ficar?”
Mas ninguém deu bola pra ele.

Língua Portuguesa, perdendo a postura e compostura, quase perdeu também o rebolado. Ficou nervosa. Em menos de um momento, concedeu vernaculania à palavra.

O triunfo desses itens lexicais estimulou outros tantos. Piano levantou-se, liderando seus compatriotas, alguns bem famosos como Chau e Pizza, e reivindicou para italianos o direito à vernaculania.

O tumulto que se seguiu foi geral. Saionara, Sputnik, Garçon e muitas outras palavras, cada qual liderando um contingente de compatriotas, gritaram por greve.

Língua Portuguesa ficou atordoada. Viu-se diante de uma guerra sonora tão calamitosa que, se não fosse controlada rapidamente, desencadearia uma mudez conti-

mental. Muito doidona, enfurecida pela pressão dos súditos fiéis e vencida pelos argumentos incontestáveis dos componentes de seu próprio corpo, nomeou a Lingüística por interventora. Esta, embora sob protestos, deu fim à baderna. Pôs os pontos nos is explicando à mui formosa senhora toda a complexidade de sua estrutura. Ela compreendeu. Sorriu, deu de ombros e, assumindo sua própria natureza, dissolveu a Assembléia. Os súditos mais fiéis ficaram a ver navios e a Língua evoluiu, entrando por uma perna de pinto e saindo por uma perna de pato...”

A partir do que aqui apresentamos, percebemos que o empréstimo linguístico acompanha a história da língua e, ao contrário do que possa parecer, ele é antes de tudo uma rica fonte de atualização lexical. Vejamos, a seguir, como se caracteriza o empréstimo.

2 O CASO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O léxico da língua portuguesa tem sua base lexical no latim popular ou latim vulgar. A própria palavra Portugal só surgiu após a queda do Império Romano, pois foi no século V d.C., que a antiga forma Portucale foi atestada, sendo a adição da denominação de dois burgos: Portu, hoje a cidade do Porto e Cale, hoje a conhecida Vila Nova de Gaia. Porém, do século V ao século VIII, período que corresponde à Lusitânia romana e ao surgimento do Reino de Portugal, este território passou por duas grandes invasões, a de tribos germânicas e de povos árabes, que deixaram dentre outras marcas as contribuições ainda hoje sobreviventes na língua portuguesa.

2.1 A contribuição alógena para a Língua Portuguesa

2.1.1 A contribuição ibérica e celta

A contribuição ibérica e celta, até o século V, tem dentre os elementos pré-romanos, ou substrato, termos que podem ser identificados até hoje como por exemplo: Coimbra, Évora, Teixos, (nome de árvore sagrada dos Celtas), além de balsa, arroio, manteiga. Não podemos nos esquecer das contribuições bascas deste momento como: bezerro, cachorro, esquerdo e zorra.

2.1.2 A contribuição germânica

Das tribos germânicas instaladas no território português, duas merecem destaque: os suevos, a partir de 411d.C., e os visigodos, a partir de 585 d.C. O superstrato, ou seja, elementos pós-romanos de origem germânica, podem ser atestados nos seguintes itens: luva, estaca, elmo, roubar, fato (terno), guerra, guisa e os pontos cardeais: norte, sul, leste e oeste.

2.1.3 A contribuição árabe

Os elementos árabes introduzidos no período que vai do século VIII ao século XIII, são chamados adstratos e são quantitativamente mais representativos. As palavras iniciadas por al- ou a-, indicativos da aglutinação do artigo árabe al às palavras, podem ser facilmente identificadas. São exemplos deste período: álgebra, azeite, açougue, açude, alface, bairro, aldeia, arroz, alfaiate, algodão, alfarrábio, azeite, azeitona, azulejo, javali, mesquinho, oxalá e refém.

2.1.4 As contribuições provençais e francesas

A descoberta do caminho de peregrinação a Santiago de Compostela no século XIII, levou ao surgimento de vários mosteiros de ordens francesas e na relação de elementos provençais podemos incluir: freire, lebréu, trovador, trovar e alegre. Os elementos de origem francesa incluem: dama, chapéu, chanceler, jóia, blusa, envelope, maré como outros termos formados com o sufixo –age, como: linhagem, selvagem, mensagem.

2.1.5 A contribuição espanhola

Os espanholismos, muitas vezes difíceis de serem identificados devido à proximidade com o nosso sistema morfossintático, também contribuíram para a formação da nossa língua. Vejamos alguns exemplos: fandango, tango, hediondo, novilho, castanhola, bobo e saleiro.

2.1.6 A contribuição italiana

A contribuição italiana foi bem diversificada. Temos desta origem termos como: piloto, prova, escolha, poesia, soneto, terceto, andante, sonata, mezanino, pedestal, pilastra, colombina, arlequim, favorito, caricatura, além de diferentes termos relativos à culinária como: lasanha, pizza, nhoc, talharim, lasanha, risoto, sem falar em mortadela e ricota.

2.1.7 As contribuições de línguas européias não-românicas

Neste grupo, incluímos contribuições de diferentes origens, senão vejamos:

do alemão: quartzo, cobalto, kaiser;

do holandês: quermesse;

da Escandinávia: níquel, fiorde, sauna e spa (do flamengo belga);

do russo: estrogonofe, esputinique;

do inglês: bife, rosbife, lanche, pudim, túnel, rum, esporte;

do hebraico através do latim: Jeová, Maria, Jacó, sábado, Páscoa, amém, messias;

2.1.8 As contribuições de línguas asiáticas e africanas

Do continente asiático vieram os seguintes itens: nanquim, chá, tufão (chinês); biombo, bonzo e gueixa (japonês); bule, junco, sarongue (do malaio); limão, cacimbo (do persa). Do continente africano temos: banana, zebra, cacimba, batuque e girafa.

Apenas de posse deste pequeno acervo e somando-se as confusões referentes à concessão ou não da vernaculania aos termos já integrantes do léxico da nossa língua, vemos que os empréstimos lingüísticos podem e muito contribuir não somente para a formação das línguas, mas também para a alimentação e realimentação de seus acervos lexicais.

3 EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS E OS EQUÍVOCOS DO PROJETO DE LEI Nº. 1676, DE 1999

O Projeto de Lei nº. 1676 de 1999, de autoria do Deputado Aldo Rebelo (PC do B/São Paulo), que “dispõe sobre a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências”, ao nosso ver, tem como fonte a idéia purista de uma língua homogênea, avessa a todo e qualquer elemento de origem alógena, que aqui possa tornar-se um inimigo externo, extremamente ameaçador da língua como “identidade nacional brasileira unitária e monolítica.” (Garcez e Zilles, 2001, p. 26). Se não vejamos alguns trechos do projeto:

“Art 2º. § 2º. À Academia Brasileira de Letras incumbe, por tradição, o papel de guardião dos elementos constitutivos da língua portuguesa usada no Brasil.

Art 4º. Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei;

I – Prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;”

A verdade é que a idéia de uma língua única, sem qualquer diferença lingüística, sem marcas representativas de diferentes grupos, sem possibilidade de identificação de classes individuais e que torna todo brasileiro igual a outro é, no mínimo, ingênua. Essa língua realmente não existe!

Parece-nos estranho que essa visão de homogeneidade lingüística não considere as quase 180 línguas faladas em território brasileiro. Nelas incluímos as línguas das diferentes comunidades européias, asiáticas e as línguas indígenas também. (Faraco, 2001, p. 40).

Vale ressaltar que, o alvo maior do projeto de lei parecer ser o combate aos anglicismos, termos originários do inglês, principalmente, aqueles de origem americana. Contudo, vale ressaltar que durante quase dois séculos, aproximadamente durante os séculos XVIII e XIX e início do século XX, o grande “vilão” da nossa língua era o francês. Neste período, o mundo e não somente o Brasil, tinha a França como modelo de civilização, de língua e literatura. Datam deste período os empréstimos de termos da moda (godê, evasê, chique); da literatura (mal do século); das artes (art déco, silhueta, lilás, matinê); da vida social (restaurante, menu); entre outros. (Carvalho, 1989, p. 53).

Como não poderíamos deixar de mencionar, o inimigo agora em Portugal não é o inglês, mas sim o português do Brasil. Os “brasileirismos” entraram e continuam a entrar no léxico do português de além-mar. Segundo Bagno (2001, p. 64), “hoje em Portugal, o “invasor” é o brasileiro; foi publicado lá em 1983 um livro chamado *Estão a assassinar o português (...)*, onde o principal culpado das desgraças da língua portuguesa são as telenovelas brasileiras.” Ora, o fluxo e o refluxo de elementos de uma língua para outra estão diretamente relacionados às mudanças na sociedade. Como afirma Crystal (1987, p. 5),

(...) deter ou controlar uma delas exige deter ou controlar a outra – tarefa que só pode ter sucesso numa proporção muito limitada. A mudança lingüística é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem seu tempo se acreditam no contrário – tempo que seria melhor empregado em imaginar maneiras inéditas de capacitar a sociedade para aceitar as novas formas lingüísticas que acompanham cada geração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo aquilo que aqui foi mostrado, não poderíamos terminar nossa apresentação sem mencionar o fato de que o referido projeto apresenta alguns aspectos com os quais concordamos. O artigo 2º. traz:

“I – Melhorar as condições de ensino e aprendizagem da língua portuguesa em todos os graus, níveis e modalidades da educação nacional;

III – Realizar campanhas e certames educativos sobre o uso da língua portuguesa, destinados a estudantes, professores e cidadãos em geral.”

IV – Incentivar a difusão do idioma português dentro e fora do Brasil;

V – Fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.”

Entendemos que o nosso país precisa de investimentos e esforços em política lingüística nacional, mas esta política deve, como citado no documento “Reque-

rimento dos Linguistas ao Senado da República”, elaborado por membros integrantes de três associações nacionais: ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística), ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil) e ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) e assinado por seus respectivos presidentes, sugerir como diretrizes desta política aspectos como:

Reconhecer o caráter multilíngue do País e, ao mesmo tempo, a grande e rica diversidade da língua portuguesa que aqui se fala e se escreve;

Promover um combate sistemático a todos os preconceitos lingüísticos que afetam nossas relações sociais e constituem pesado fator de exclusão social entre nós;

Estimular a reformulação crítica das gramáticas e dos dicionários para que, ao registrar a norma padrão real, o façam de forma a facilitar seu ensino e difusão;

Definir os direitos lingüísticos do cidadão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CRYSTAL, D. *The Cambridge encyclopaedia of language*. Cambridge: CUP, 1987.

FARACO, C. A. (org) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

FARIAS, E. M. P. *A linguagem da moda no português contemporâneo*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2001.

FARIAS, E. M. P. A neologia por empréstimo no vocabulário da moda. In.: Atas do CIFEFIL. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

WALTER, H. *A aventura das línguas no ocidente: origem, história e geografia*. São Paulo: Mandarin, 1997.

Documentos Consultados

Projeto de Lei n°. 1676 de 1999.

Requerimento dos Linguistas ao Senado da República.